

Auto-organização e emergência nas cidades: um estudo sobre movimentos insurgentes à luz da inovação social na cidade de Fortaleza – Ceará (Brasil)

Autores: Magalhães; Rafaela Cajado; Machado, Herus Orsano*; Buarque de Lima, Brenno; Fontinele Tahim, Elda; Hermano, José Batista de Carvalho

Contacto: *herus.machado@ifma.edu.br

País: Brasil

Resumo

A presente pesquisa tem como objetivo investigar os movimentos insurgentes que atuam na cidade de Fortaleza (CE) à luz da Teoria de Inovação Social Transformadora (TSI). A revisão da literatura aborda três eixos teóricos a saber: auto-organização e emergência nas cidades; movimentos insurgentes e inovação social. Através do entendimento da dinâmica das cidades e dos atores sociais que a compõem, verificando se grupos insurgentes, que emergem nessa dinâmica urbana, se enquadram no conceito de inovação social, estabelecido pela TSI. Quanto aos procedimentos metodológicos, a presente pesquisa é de abordagem qualitativa, tipificada como exploratória e descritiva; e quanto aos meios, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, documental e de campo. A pesquisa de campo foi desenvolvida através de entrevistas em profundidade, realizadas com cinco coletivos urbanos da cidade de Fortaleza – Ceará (Brasil), sendo orientadas por um roteiro semiestruturado. Utilizou-se a técnica de análise de conteúdo com o auxílio do software IRAMUTEQ. Considerando os resultados desta pesquisa, percebe-se que os grupos e movimentos aqui pesquisados possuem uma trajetória ainda incipiente apesar de serem atuantes em seu papel como coletivo. Pode-se confirmar que a lente teórica da inovação social se mostrou apropriada para compreender o objeto estudado, permitindo indicar os estágios presentes desses movimentos insurgentes dentro da escala de requisitos para se transformarem em inovação social. Com isso, busca-se agregar o conhecimento de inovação social ao campo da gestão de cidades, proporcionando uma compreensão mais ampla e crítica, contribuindo também para incentivar a promoção do tema como campo de investigações teórico-prático na área de Administração.

Palavras-chave: emergência e auto-organização; movimentos insurgentes; inovação social.

1. Introdução

A cidade é um sistema auto organizado, com propriedades auto reguladoras, que se manifestam através das sinergias que são gerados espontaneamente entre os seus atores sociais e que permitem mudanças neste ambiente. Estes, por sua vez, geram diferentes processos dinâmicos de desenvolvimento por meio das ações e comportamentos de seus agentes, que são produtos de intenções, planos, normas socioculturais e outras interações. (JOHNSON, 2003; PORTUGALI, 2012).

Assim, surgem formas associativas que são formadas consciente ou mesmo inconscientemente e são geradas por necessidades e desejos espontâneos presentes no cotidiano de cidadãos que se definem como grupos insurgente, principalmente em democracias de baixa intensidade. (LIMA, 2015; OLIVEIRA, 2018). Dessa forma, esses grupos são chamados de movimentos insurgentes que reúnem as características de auto-organização e emergência e são formados com o intuito de apresentar demandas à sociedade, as quais

são construídas a partir de mobilização social em torno de uma temática que não está sendo abordada pelo poder público de forma concreta e eficiente (OLIVEIRA, 2018).

Por outro lado, a inovação social é “um processo iniciado pelos atores sociais para responder a uma aspiração humana, suprir uma necessidade, trazer uma solução ou aproveitar uma oportunidade de ação” (CRISES, 2015, p. 5). Assim, uma inovação social objetiva mudar as relações sociais e, ainda, propor ou transformar ações e novas orientações culturais aos envolvidos. A partir disso, em busca do entendimento do processo de inovação social, iniciam-se as classificações e a dimensão de modelos, em que cada pesquisador analisa as dimensões observadas em um contexto específico de estudo. Esses modelos desenvolvidos possuem características bastante consolidadas e objetivam mapear o processo de inovação social e as suas respectivas variáveis. Entre esses modelos, Haxeltine et al. (2013) desenvolveram e propuseram a Teoria da Inovação Social Transformadora (TSI), integrante de um projeto denominado TRANSIT, que tinha o propósito de promover mudanças e transformações para alcançar sociedades mais inclusivas e sustentáveis e, assim, atender de uma melhor forma às novas questões sociais.

Essas reflexões iniciais motivaram os autores a verificar o nível de interação entre os dois temas, investigando exemplos de movimentos insurgentes na cidade de Fortaleza no Ceará, o que definiu a questão de pesquisa que fundamenta este estudo: os movimentos insurgentes da cidade de Fortaleza (CE) podem ser classificados como inovações sociais? Assim, pretende-se, como objetivo geral desta pesquisa, investigar os movimentos insurgentes que atuam na cidade de Fortaleza (CE) à luz da Teoria de Inovação Social Transformadora (TSI). A presente pesquisa está estruturada em cinco seções: introdução, metodologia, referencial teórico, resultados e discussões e considerações finais.

2. Metodologia

2.1. A natureza e tipologia do estudo

Em sua tipologia, este estudo pode ser classificado como um estudo de caso, caracteriza-se por estudos de multicasos, pois esse tipo de estudo permite a coleta de evidências relevantes e maior confiabilidade em relação aos estudos de caso único. Quanto aos fins, é tipificada como exploratória e descritiva. E quanto aos meios, documental e de campo (VERGARA, 2014). Foi utilizada também uma abordagem metodológica qualitativa na tentativa de lidar com a complexidade do objeto de estudo.

2.2. Universo de Pesquisa e sujeitos da pesquisa

O universo da pesquisa é formado pelos grupos e movimentos insurgentes da cidade de Fortaleza (CE) e os sujeitos da pesquisa são os membros que os próprios grupos disponibilizaram para realização das entrevistas. Inicialmente, foram identificados vinte grupos/coletivos onde verificou-se em websites e páginas das redes sociais suas ações e intervenções. Posteriormente, foram contatados por mensagens e ligações telefônicas, onde foram escolhidos cinco grupos, que responderam os contatos realizados e se disponibilizaram para participar da pesquisa. Utilizou-se o critério de acessibilidade, que segundo Vergara (2014) seleciona elementos por facilidade de acesso. Portanto, foram escolhidos os grupos que responderam os contatos realizados e se disponibilizaram para participar da pesquisa. As áreas de atuação dos grupos escolhidos foram: educação, arte e cultura, social, arquitetura e urbanismo e espaço público. A ideia foi selecionar coletivos ou grupos com finalidades diferentes e que tivessem como foco a atuação na cidade de Fortaleza. Os coletivos estão apresentados no quadro a seguir:

QUADRO 1. Relação de coletivos e movimentos insurgentes pesquisados

MOVIMENTOS	ÁREA DE ATUAÇÃO	DESCRIÇÃO
 Coletivo Transpassando	Educação, arte e cultura	Surgiu em 2015, em Fortaleza, com o objetivo de combater a transfobia, violências e demais preconceitos através da formação humana, educacional e profissional, possuindo como público principal travestis e pessoas transgêneras.
 Fortaleza Invisível	Social	É um movimento que tem como objetivo sensibilizar e conscientizar a sociedade através de ações sociais, combatendo o preconceito contra moradores de rua e atuando também na articulação política dos direitos junto ao poder público.
 Coletivo A-Braço	Espaço público	Tem como objetivo fortalecer a vivência urbana dos cidadãos por meio da ideia de pertencimento dos lugares a ambiência dos espaços públicos, utilizando-se da educação e reflexão como instrumentos para a colaboração em prol de uma cidade mais acessível e democrática.
 Coletivo Carcará	Arquitetura e Urbanismo	Tem como objetivo ajudar na intervenção e viabilizar as práticas e as lutas de resistência de moradores e movimentos de insurgência no território cearense através de informação e assessoramento técnico.
 Grupo Negragem	Arte e cultura	É um grupo de estudo e teatro formado por jovens negros do bairro Bom Jardim que tem como objetivo a autoafirmação da identidade negra, a luta por direitos iguais e o combate ao racismo e demais preconceitos.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Para o alcance do objetivo definido na presente pesquisa, a coleta de dados ocorreu por meio da técnica de entrevista e como instrumento de pesquisa, foi utilizado o roteiro de entrevista semiestruturada como elemento direcionador. A técnica utilizada para análise de dados foi análise de conteúdo, e se deu a partir de categorias, a qual busca trazer elementos relevantes da teoria (GIL, 2002). Assim, a análise se deu a partir de três categorias, e dez subcategorias de análise foram estabelecidas conforme emergiam da teoria e do campo empírico.

QUADRO 2. Categorias e subcategorias da pesquisa

Categorias	Subcategorias
Origem e história	Objetivo
	Surgimento
Características gerais e de organização	Auto-organização
	Financiamento
	Interações com outros coletivos
Ações e intervenções	Tipo
	Meio
	Abrangência
	Consequências observadas
	Aspectos relacionados
	Cinco tons de inovação

Fonte: Elaborado pelos autores.

Utilizou o software *Iramuteq*, que ajudou no processo de armazenamento, organização e categorização das entrevistas. Realizou-se uma análise do corpus textual, que é um tipo específico de análise de dados, no qual corresponde ao material verbal transcrito. Todas as categorias e subcategorias foram identificadas e separadas por grupo de entrevistados, bem como, foram analisadas as relações entre elas.

3. A auto-organização e a emergência na dinâmica das cidades

Na perspectiva das cidades, a auto-organização e a emergência são características dos sistemas complexos. Para Johnson (2003), a cidade complexa possui uma personalidade que se auto-organiza a partir de milhões de decisões individuais construídas com base em interações locais. Nessa perspectiva, o autor aborda o comportamento emergente que advém das cidades, explicando que o comportamento complexo é um sistema composto de vários autores que interagem de forma dinâmica, em que não recebem instruções de níveis mais altos e seguem regras próprias.

As cidades são, por excelência, sistemas complexos, emergentes, longe do equilíbrio, que exigem enorme energia para sua manutenção. Ainda, exibem padrões de desigualdade desovados através da aglomeração e da intensa competição por espaço, além de sistemas de fluxos saturados que têm a capacidade de parecerem ser apenas sustentáveis, mas são, paradoxalmente, redes resilientes (BATTY, 2008).

Segundo Serva (2010, p.28), “auto-organização é o conceito central da complexidade”. A teoria da auto-organização acrescenta à complexidade conceitos de não equilíbrio, emergência, criatividade, auto semelhança, imprevisibilidade, entre outros. Tais conceitos se inter-relacionam diretamente, explicando aspectos e características da dinâmica dos sistemas complexos e das interações entre seus atores (SERVA, 2010).

Surge, a partir daí um planejamento pensado para as cidades sob a perspectiva da complexidade. Começaram a surgir defensores do processo de *bottom up* (de baixo para cima), que acreditavam que as cidades deveriam ser planejadas e pensadas para e pelas pessoas que a usufruem. Portanto, nasce uma mudança paradigmática para as ciências e a nova forma de pensar, sendo Jacobs (2011) um dos principais nomes responsáveis pela essa mudança, já que faz uma crítica ao modelo de urbanismo moderno. Ela mostra uma nova forma de se pensar e planejar a cidade por meio da lente da complexidade, possibilitando que os organismos vivos e os sistemas complexos apresentem transformações através de processos de autossustentação e auto-organização.

A cidade não é organismo por si só e devido ela ser composta por inúmeras partes que se interagem e a fazem funcionar por meio de suas inter-relações é razão de sua complexidade (PORTUGALI, 2012). A cidade é composta por diferentes padrões de comportamento e atores, além das diversas esferas que a compõem: social, ambiental e construída (BATTY, 2008; JOHNSON, 2003; PORTUGALI, 2012).

Portanto, compreende-se que as cidades são amplificadores de padrões, em que pequenos grupos expressam comportamentos e desejos de grupos maiores, captando informações e compartilhando com o grupo (JOHNSON, 2003). Partindo dessa dinâmica de amplificação de comportamentos individuais para macro comportamentos que emergem na cidade, pode-se compreender o surgimento de movimentos sociais por meio de grupos e ações coletivas capazes de transformar a sociedade e, conseqüentemente, as cidades (OLIVEIRA, 2018), como se discorre no tópico a seguir.

4. Movimentos insurgentes

A luta pela cidadania se dá no dia-a-dia da cidade e nasce com o desejo de mudanças e transformações que estão diretamente ligadas a diferentes aspectos, tais como gênero, etnia e classes. Assim, segundo Oliveira

(2018), surgem os movimentos e grupos insurgentes que podem ser entendidos como consequência das contradições urbanas ou reflexo da vivência na cidade, que acarretam desigualdades ocasionadas pela falta ou problemas na execução de políticas públicas e práticas de governo.

Esses movimentos são compostos por pessoas comuns que lutam por espaços e formas de exercer sua cidadania, que manifestam suas práticas de insurgência sobre assuntos relacionados a espaços públicos, mas também sobre assuntos de cunho socioeconômico, entre outros.

Dessa forma, essas manifestações se unem em prol de um mesmo ideal, que é o de gerar discussões sobre a construção da cidade por meio de apropriações e ações imprevisíveis e, a partir disso, chamar a atenção dos cidadãos e atrair olhares para os espaços públicos ociosos, esquecidos pelo poder público e pela sociedade, para ressaltar o ideal de lazer, cultura e convivência em meio ao ambiente urbano. (HORI, 2017).

Diante desse contexto, a presente pesquisa tem ênfase em estudar os grupos que possuam a natureza reivindicatória e que se originam da insurgência cidadã, independente de sua abrangência. Assim, para efeito dessa pesquisa, adota-se o conceito de Oliveira (2018), em que serão considerados grupos insurgentes aqueles que reúnem as características de auto-organização e emergência, que apresentam a prestação de serviços à população e que tenham como origem e destino a própria comunidade, e que não estejam sendo executados pelo poder público.

A questão que se apresenta sobre esses movimentos é: eles podem ser enquadrados como inovações sociais? Assim, discute-se o quadro conceitual sobre o assunto nos próximos tópicos.

5. Inovação social: histórico e conceitos

A inovação social surgiu como uma nova temática dentro do campo de pesquisas em inovação. É considerado um campo de estudo emergente e que ainda não possui um conceito consensual, tendo recebido vários significados sobrepostos, e invocando conceitos como mudança institucional, fins sociais e bens públicos.

No início da década de 1970, segundo Cloutier (2003), os primeiros autores a usarem o termo “inovação social” foram James B. Taylor (*Introducing social innovation*) e Dennis Gabor (*Innovations: scientific, technological, and social*). Taylor (1970) aborda inovação social como a busca de repostas para as necessidades sociais por meio da introdução de uma invenção social, ou seja, uma “nova forma de fazer as coisas”, uma nova organização social. Já Dennis Gabor (1970), por seu turno, abordou as inovações sociais como ferramentas para problemas territoriais de um determinado local, numa proposta de estratégias de desenvolvimento.

Na década de 1980, por sua vez, houve forte crescimento de estudos sobre inovação social a partir dos processos institucionais de aprendizagem, do desenvolvimento socioeconômico e de questões do território (ANDRÉ; ABREU, 2006).

Mas, somente a partir do final da década de 1990 e início dos anos 2000, é que de fato ocorre o desenvolvimento do conceito de inovação social na literatura, em especial nas ciências sociais e em disciplinas como administração pública, história, movimentos sociais, gestão, economia e empreendedorismo social, entre outras (CAJAIBA-SANTANA, 2013; MOULEART et al., 2005). Maurer e Silva (2014, p. 130) corroboram, afirmando que o campo da investigação pode ser considerado recente, com as contribuições mais significativas tendo sido feitas a partir do ano 2000.

Cloutier (2003) considera a inovação social como uma resposta às necessidades sociais, mencionando ser uma nova resposta a uma situação social desfavorável, que busca o bem-estar de indivíduos e/ou comunidades, por meio da ação e da mudança sustentável.

As inovações sociais podem ser compreendidas, segundo definição de Neumeier (2012), como mudanças de comportamento, atitudes ou percepções de um grupo de pessoas que se juntam em uma rede, com interesses alinhados em relação às experiências do grupo e cujas ações levam a novas e melhores alternativas de ação colaborativa.

Conforme Cajaiba-Santana (2013), as inovações sociais manifestam-se em mudanças de atitudes, comportamentos ou percepções, o que resulta em novas práticas sociais. O autor destaca que essas mudanças devem ocorrer tanto na forma de agir e interagir dos agentes sociais entre si, quanto nas mudanças na vida social, possibilitadas pelo contexto em que essas ações ocorrem através da criação de novas instituições e novos sistemas sociais.

6. Framework analítico adotado para análise das dimensões de inovações sociais nos movimentos insurgentes

A Teoria da Inovação Social Transformadora –TSI é um modelo recente proposto pelo TRANSIT (TRANSformative Social Innovation Theory), um projeto financiado pela União Europeia que teve início em 2014, com duração de quatro anos, que busca entender as inovações sociais transformadoras. Este projeto envolve doze universidades/institutos de pesquisa na Europa e na América Latina, e um grupo de pesquisadores (HAXELTINE et al., 2013) que a propuseram. Essa teoria tem por objetivo explorar transformações, buscando sociedades mais sustentáveis, inclusivas, resilientes, e assim, mais aptas a responder eficazmente aos desafios sociais (HAXELTINE et al., 2013). O TRANSIT conceitua inovações sociais transformadoras como “mudanças nas relações sociais, que envolvem novas formas de fazer, organizar, estruturar e/ou saber, que desafiam, alteram e/ou substituem instituições/estruturas dominantes em um contexto social específico” (PEL et al., 2015, p.18-19).

A teoria TSI parte do pressuposto de que o contexto de mudança sistêmica permite identificar o que eles chamam de *game-changers*. Tomando como exemplo a crise financeira mundial ou as alterações do clima, a teoria TSI pode descompactar a dinâmica entre os *game-changers*, com discursos transformadores, inovações sociais e mudanças sistêmicas em nível dos sistemas sociais em aspectos selecionados, como por exemplo, saúde, bem-estar, energia, transportes e finanças, entre outros (HAXELTINE et al., 2013).

Como resultado, a teoria TSI tem como ponto inicial uma heurística conceitual que propõe cinco definições para ajudar a diferenciar os “tons de mudança e inovação” pertinentes: a inovação social; a inovação do sistema; *game-changers*; as narrativas de mudança; e a transformação da sociedade. Cada um desses tons é definido no Quadro 3.

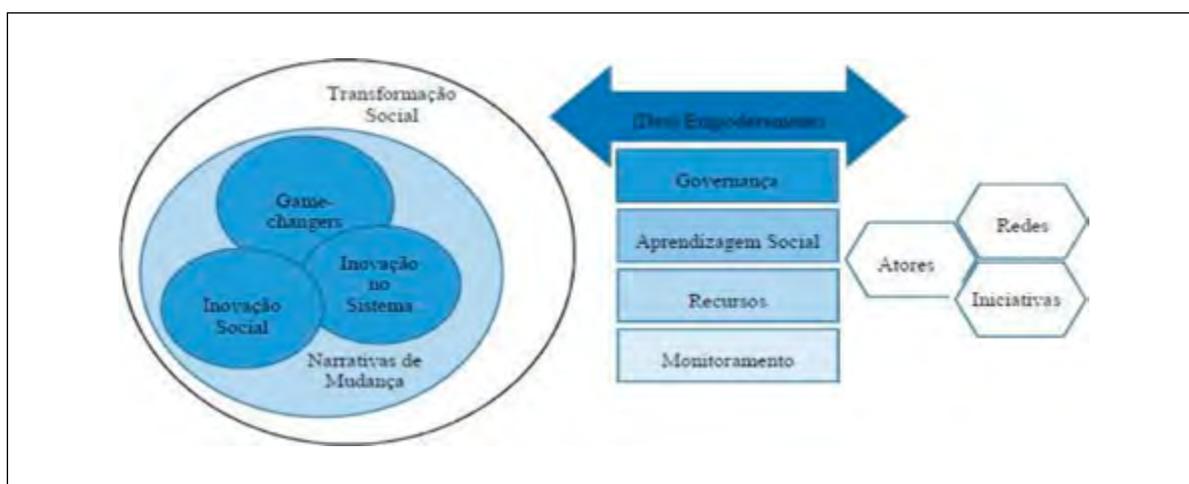
QUADRO 3. Cinco tons de mudança e inovação

Cinco tons de mudança e inovação	Definições
Inovação social	Novas práticas sociais, incluindo novas (combinações de) ideias, modelos, regras, relações sociais e/ou produtos.
Inovação do sistema	Mudar ao nível dos subsistemas sociais, incluindo as instituições, estruturas sociais e infraestruturas físicas.
<i>Game-changers</i>	Macro evoluções que são percebidas como mudanças (as regras, o campo e os jogadores) do 'jogo' de interação social.
Narrativas de mudança	Discursos sobre a mudança e inovação, ou seja, conjuntos de ideias, conceitos, metáforas e/ou linhas de história sobre mudança e inovação.
Transformação da sociedade	Mudança fundamental e persistente em toda a sociedade, superando subsistemas e incluindo mudanças simultâneas em múltiplas dimensões.

Fonte: Avelino et al. (2014, p. 9).

A Figura 1 representa a heurística conceitual para explorar a dinâmica da Inovação Social Transformadora, em que implica em uma determinada hipótese de como os diferentes tons de mudança e inovação interagem, ou seja, como a transformação social é moldada e produzida por determinados padrões de interação entre a inovação social, a inovação do sistema, *game-changers* e narrativas de mudança. Os atores, iniciativas e redes estão empoderados (ou com falta de poder) para contribuir com este processo por meio de diversas formas de governança, aprendizagem social, recursos e monitoramento (HAXELTINE et al., 2013).

FIGURA 1. Heurística conceitual para explorar a dinâmica da Inovação Social Transformadora



Fonte: Avelino et al. (2014, p. 8).

Assim, a TSI surge como uma nova área de estudo, com uma nova perspectiva para entender que a inovação social deve se tornar uma realidade onde ela é adotada. Portanto, o contexto em que a inovação social é adotada deve ser interpretado, e as transformações, neste contexto, devem ser entendidas.

Dessa forma, o referido modelo foi escolhido para esse estudo pela sua relevância, visto que as dimensões de análise propostas por esses autores têm sido pouco utilizadas como lente teórica nos estudos empíricos, contribuindo, assim, para novos estudos do modelo e para o fortalecimento e desenvolvimento de uma teoria da inovação social aplicada à realidade local.

7. Resultados e discussões

O objetivo principal deste trabalho foi investigar os movimentos insurgentes que atuam na cidade de Fortaleza (CE) à luz da Teoria de Inovação Social Transformadora (TSI). Em relação a primeira categoria estudada os resultados mostram que todos os coletivos estudados buscam reivindicar e defender uma causa devido a uma necessidade não atendida da população. Assim, confirma o conceito de cidadania de HARVEY (2014) que tem como principal característica o sentimento de pertencimento a uma cidade além da busca por uma cidade mais justa, a luta pelo direito à cidade, melhoria do espaço público e a busca da igualdade e direito dos cidadãos.

Buscou-se conhecer a dinâmica dos movimentos insurgentes na segunda categoria estudada e foram identificadas características gerais e de organização, com o objetivo de entender como os movimentos se organizam, questão financeira e como são as interações com outros grupos e/ou coletivos. Constatou-se que todos os coletivos possuem características de auto-organização e emergência, surgem espontanea-

mente e possuem um alto grau de interação entre seus membros formando parcerias e desenvolvem ações e intervenções em conjunto, o que tornam mais fortalecidos. Destaca-se a questão do financiamento, visto que todos se auto financiam e são independentes, não recebendo nenhum tipo de ajuda ou apoio financeiro público ou privado.

A terceira categoria estudada relacionam-se com as ações e intervenções dos coletivos pesquisados e envolvem aspectos como: tipos de intervenções, meio, abrangência, consequências e aspectos relacionados aos cinco tons de inovação. Em relação aos tipos de intervenções, os coletivos se caracterizam por intervenções de caráter educativo e de protesto. Identificou-se também que todos realizam suas intervenções de duas maneiras diferentes: tradicionais, de forma presencial e por meio virtual, através de redes sociais como *Facebook* e *Instagram*. Com relação a abrangência, todos possuem abrangência local, o que demonstra o surgimento de necessidades locais e específicas.

No que diz respeito às consequências das intervenções, a maioria das ações e intervenções realizadas são ainda, nos moldes tradicionais como rodas de conversas, palestras e debates, entre outros, o que acaba não gerando novas práticas sociais, novas ideias, modelos, relações e/ou serviços sociais, que de fato permita chegar a uma transformação social como uma mudança fundamental e persistente na sociedade de acordo com modelo TSI.

Relacionou-se os cinco tons de mudança e inovação da TSI com as ações e intervenções dos movimentos insurgentes estudados. Observa-se como destaque uma ausência de interações entre os cinco tons de mudança da inovação da TSI (inovação social; inovação do sistema; *game-changers*; as narrativas de mudança e a transformação da sociedade) com as ações e intervenções dos movimentos insurgentes estudados.

Como consequência dessa falta de interação, evidencia uma ausência de novas práticas sociais, novos modelos e ideias, o que contraria a TSI no quesito da transformação social que exige uma mudança simultânea em múltiplas dimensões (e não em apenas uma dimensão) dos sistemas sociais. Destacam-se ainda as relações sociais que são locais e específicas demonstrando um surgimento de necessidades locais e específicas não ocorrendo amplamente por toda a sociedade. Observou-se um discurso único em todos os coletivos de que as ações e intervenções ajudam a transformar e impactar a sociedade. Percebe-se que os grupos e movimentos aqui pesquisados possuem uma trajetória ainda incipiente apesar de serem atuantes em seu papel como coletivo. Portanto, conclui-se que os movimentos insurgentes aqui estudados não podem ser classificados como inovação social de acordo com o modelo TSI, adotado nessa pesquisa. Segue um quadro resumo para uma melhor visualização dos principais resultados:

QUADRO 4. Resumos dos principais resultados encontrados

PRINCIPAIS RESULTADOS		
Origem e História	Surgimento	Caráter reivindicatório
		Necessidade não atendida
	Objetivos	Melhoria do espaço público
		Busca igualdade e direito dos cidadãos
		Busca pelo direito à cidade
Características gerais e de organização	Gerais	Luta por uma cidade mais justa
		Auto-organização
		Espontaneidade
		Insurgência
	Financiamentos	Emergência
	Interações com outros Coletivos	São independentes
		Altos níveis de interação
		Atividades em conjunto gerando parcerias
Ações e Intervenções	Tipo	Mobilização e fortalecimento
		Educativas
	Meio	Protesto
		Presencial
	Abrangência	Virtual
	Consequências observadas	Local
		Despertar da cidadania
		Pertencimento social
	Aspectos relacionados Cinco tons de inovação	Mudanças na comunidade
		Ausência de interações entre os tons
Relações sociais locais e específicas		
		Ausência de novas práticas sociais e modelos

Fonte: Elaborado pelos autores.

8. Considerações finais

Os grupos e movimentos insurgentes na perspectiva da inovação social usando o modelo TSI, ainda não haviam sido explorados com foco na gestão das cidades, mostrando a particularidade desta pesquisa. Portanto, diante dos resultados desta pesquisa, pode-se confirmar que a lente teórica da Inovação Social se mostrou apropriada para compreender o objeto estudado.

A pesquisa se limita na parte teórica onde possui pouca literatura para embasamento devido a tema novo e na dificuldade de participação para realização das entrevistas dos membros dos coletivos estudados. Sugere-se para futuras pesquisas um estudo com outros coletivos de diferentes causas e tipos de atuações, com o intuito de relacionar com outros modelos de inovação social existentes na literatura; um estudo mais aprofundado das dimensões da inovação social com os coletivos e movimentos, pois assim, contribuiria para a ampliação do conhecimento sobre o tema, permitindo elaborar uma escala que possa classificar os movimentos insurgentes dentro dos requisitos de uma inovação social.

Referências bibliográficas

- André, I. y Abreu, A. (2006). Dimensões e espaços da inovação social. *Finisterra*, 41(81).
- Avelino, F., Wittmayer, J., Haxeltine, A., Kemp, R., O’Riordan, T., Weaver, P., ... y Rotmans, J. (2014). Game-changers and transformative social innovation. The case of the economic crisis and the new economy. *TRANSIT working paper*, 1, 2-1.

- Batty, M. (2008). The size, scale, and shape of cities. *Science*, 319(5864), 769-771.
- Cajaiba-Santana, G. (2014). Social innovation: Moving the field forward. A conceptual framework. *Technological forecasting and social change*, 82, 42-51.
- Cloutier J. (2003). Qu'est-ce que l'innovation sociale? Crises, collection. *Etudes théoriques*, n° ETO314.
- Coletivo A-braço (@coletivoa_braço). https://www.instagram.com/coletivoa_braço/
- Coletivo Carcará (@coletivo.carcara). <https://www.instagram.com/coletivo.carcara/>
- Coletivo Transpassando (@transpassando). <https://www.instagram.com/transpassando/>
- Crises (2015). *Rapport Annuel des Activités Scientifiques du CRISES 2014-2015*. http://crises.uqam.ca/upload/files/rapportsannuels/Rapport_annuel_du_CRISES_2014-2015_140116_Final.pdf
- Fortaleza Invisível (@forinvisible). <https://www.instagram.com/forinvisible/>
- Gabor, D. (1970). *Innovations: scientific, technological, and social*.
- Grupo Negragem (@negragem). <https://www.instagram.com/negragem>
- Harvey, D. (2006). *A produção capitalista do espaço* (C. Szlak, trad.).
- Haxeltine, A., Avelino, F., Wittmayer, J., Kemp, R., Weaver, P., Backhaus, J. y O'Riordan, T. (2013). Transformative social innovation: a sustainability transitions perspective on social innovation. In *Social Frontiers: The next edge of social innovation research*.
- Hori, P. (2017). Os Coletivos Urbanos da cidade de São Paulo: ações e reações. In *XVII Enanpur - Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional* (pp. 20-34).
- Johnson, S. (2003). *Emergência: a dinâmica de rede em formigas, cérebros, cidades e softwares*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras.
- De Lima, C. H. M. (2015). Cidade em movimento: práticas insurgentes no ambiente urbano. *Oculum ensaios*, 12(1), 39-48.
- Neumeier, S. (2012). Why do social innovations in rural development matter and should they be considered more seriously in rural development research? – Proposal for a stronger focus on social innovations in rural development research. *Sociologia ruralis*, 52(1), 48-69.
- Oliveira, P.G.G. (2018). *A Insurgência Cidadã e a Gestão de Cidades: um estudo sobre movimentos insurgentes e suas interações com a administração pública municipal*. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza.
- Pel, B., Haxeltine, A., Avelino, F., Dumitru, A., Kemp, R., Bauler, T., ... y Jørgensen, M. S. (2012). Towards a theory of transformative social innovation: A relational framework and 12 propositions. *Research Policy*, 49(8), 104080.
- Portugali, J. (2012). Complexity theories of cities: Achievements, criticism and potentials. *Complexity theories of cities have come of age: An overview with implications to urban planning and design*, 47-62.
- Serva, M., Dias, T. y Alperstedt, G. D. (2010). Complexity paradigm and theory of organizations: an epistemological reflection. *Revista de Administração de Empresas*, 50, 276- 287.
- Da Silva, S. (2012). Inovação social: um estudo preliminar sobre a produção acadêmica entre 2001 e 2011. In *VIII Convibra Administração-Congresso Virtual Brasileiro de Administração* (pp. 5-12).
- Taylor, J. B. (1970). Introducing social innovation. *The journal of applied behavioral science*, 6(1), 69-77.
- Vergara, S. C. (2014). *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. Atlas.